

No Gama, neurose é a saída

Ponta do iceberg dos escandalosos desvios da FHDF, o Hospital Regional do Gama vive hoje um clima de neurose de consumo. Para reduzir o número de furtos ou mais fácil detectá-los, a direção criou um sistema de controle que obriga o servidor a guardar todos os invólucros de seringas, ampolas e vidros de medicamentos já utilizados. Somente com a contrapresentação destes recipientes é que as unidades são reabastecidas de material.

O consumo de seringas, por exemplo, que em junho estava em torno de 1 mil 350 por dia, caiu nas primeiras semanas de julho para algo entre 600 e 700. O número de pacientes não caiu, o que prova que realmente estava ocorrendo um desvio.

Mesmo assim o controle de consumo de material e medicamentos não é rígido. Com a pressa no atendimento, os servidores jogam os invólucros das seringas usadas em caixas onde também são guardadas as ampolas. O funcionário da farmácia regional, a quem cabe contar o material e a reposição às unidades, receia checar o consumo. "Eu não vou pôr a mão ai dentro (da caixa). Posso até cortar a mão", disse.

Outra dificuldade de controle está no setor de Emergência, onde a rapidez no atendimento impede uma fiscalização mais intensa. "A gente sempre sai catando os invólucros pelo chão, mas sempre faltam alguns", disse uma enfermeira.

Na semana passada, Ivone Dias dos Santos, filha de uma funcionária do HRG, foi indiciada por furto de seringas, que estavam sendo comercializadas em farmácias

de Santo Antônio do Descoberto (GO). Três proprietários de farmácias, Egmar Pereira da Cunha, Terezinha Tomáz Pires e Edmilson Juninho Pessoa, foram indiciados por receptação. Ao todo, foram apreendidas 174 seringas de 10 e 20 ml, todas da marca Prexajet.

Outro hospital cujo consumo foi considerado exagerado, acima das necessidades de atendimento, o Hospital Regional da Asa Norte (HRAN) também criou mecanismos de controle. O principal foi a redução dos estoques de material e medicamentos de cada unidade, de acordo com a estimativa de consumo médio por dia. Assim, se uma determinada unidade requisita produtos com mais frequência do que o esperado, está se colocando sob suspeita.

Para o diretor do Hospital, Elias Miziara, é necessário ainda o aumento do número de vigilantes, que deverão impedir a entrada de sacolas. Miziara estuda também o fechamento de algumas das entradas, reduzindo a possibilidade de evasão de material.

Verificou-se que no HRAN, apesar de ter havido um aumento no número médio de pacientes atendidos, ocorreu um desenfreado consumo de seringas, até três vezes mais do que o estimado. O consumo de seringas de 10 ml, por exemplo, que no segundo trimestre de 1988 foi de 4 mil 935, passou para 14 mil 571 no mesmo período deste ano. No caso das seringas de 20 ml o consumo foi mais discrepante: 3 mil 435 no segundo trimestre de 1988 e 20 mil 419 este ano.